

## ***O INFERNO DOS OUTROS: UMA ANÁLISE SOBRE O HUMOR E O HORROR*** **NA OBRA DE DAVID GROSSMAN**

Karla Louise de Almeida Petel (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise hermenêutica de *O inferno dos outros* (2016), obra do autor contemporâneo israelense David Grossman. Considerando o humor e o horror como elementos fundamentais e complementares do romance, esta pesquisa busca pensar as seguintes questões: uma piada é só uma piada ou serve de crítica ao comportamento de um sujeito ou mesmo de um grupo? O humor pode ser considerado um recurso de sobrevivência quando se está em meio ao caos? O quão os indivíduos estão realmente sensíveis ou apáticos aos episódios de horror que marcam nossa existência? Como, afinal, David Grossman se dedica a pensar a incontestável condição da fragilidade humana.

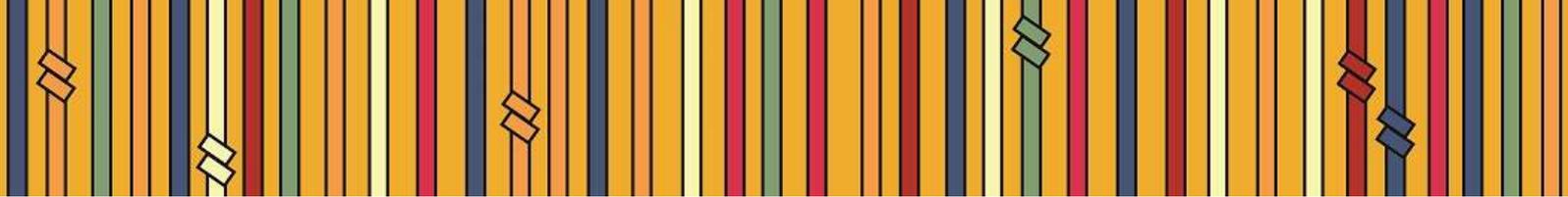
**Palavras-chave:** Literatura contemporânea; literatura israelense; David Grossman.

Diferentemente de seus textos anteriores, a última obra do autor contemporâneo israelense David Grossman aborda, através de humor inequivocamente ácido, as mazelas pessoais de seu protagonista e as idiossincrasias cotidianas dos judeus israelenses. *O inferno dos outros* (2016) nos conta a história de Dovale, um comediante do gênero *stand up* que promove uma espécie de investigação sobre si mesmo e sobre o contexto no qual está inserido, por meio de piadas dos mais diversos tipos. Enquanto são alternadas cenas da apresentação do humorista em um bar na decadente cidade de Netanya, juntamente com *flashes* de uma conversa controversa que teve com o amigo de juventude Avishai Lazar, o leitor é sensivelmente impelido a refletir sobre como o sarcasmo e o drama podem não só andar de mãos dadas, como inclusive ser complementares.

No vértice desse relacionamento marcado por afeto e desconforto mútuos entre dois companheiros que não se falavam há quase quatro décadas, está outro personagem importante: o público, que reage ao *show* de Dovale com tantas manifestações de prazer

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Estudos Judaicos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes (USP), Professora de Língua e Literatura Hebraicas (UFRJ). Contato: karlapetel@gmail.com



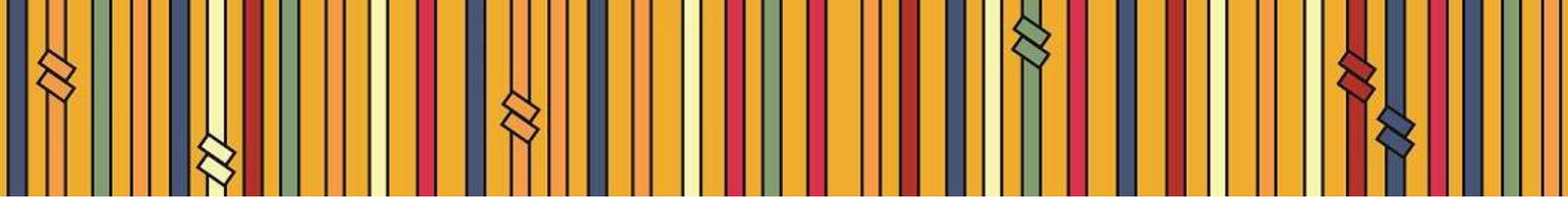
e diversão como com flagrante inquietação e melancolia. De certa forma, os espectadores desse estranho espetáculo se veem capturados pelo inferno do comediante, que além de expressar seus mais íntimos conflitos, também os expõe aos seus próprios dilemas sociais. Instaure-se, portanto, uma dinâmica recíproca de êxtase e rejeição, que com o passar do tempo parece ficar cada vez mais sintomática.

De acordo com Freud (1977, p. 13), “para entender uma piada é preciso ser da paróquia”, isto é, uma mesma piada pode não surtir efeito em todos os lugares que é contada, em todos os momentos e, muito menos, para todas as pessoas com as quais se compartilha, de modo que são necessários referentes específicos, além de um código comum e um acervo de informações de determinada sociedade, que está situado no simbólico e será acessado pelos ouvintes. Desse modo, o humor então é capaz de criar laços sociais enquanto o sentido da piada é processado e captado pelos indivíduos.

É por isso que, quando David Grossman explora, através do *show* de seu personagem humorista, a tensa relação entre judeus israelenses e árabes palestinos – igualmente inerente à realidade cotidiana de seu público-alvo – um laço social é construído. O fato de o tema integrar o repertório de episódios históricos dessa região do Oriente Médio, bem como os dilemas mais recentes do Estado de Israel, faz com que os sujeitos daquele grupo estejam socialmente conectados.

Além disso, pode-se dizer que é também através das piadas feitas por Dovale, que uma dura crítica à situação política da região é formulada, fazendo com que o humor, além de uma fonte de prazer, como postula Freud (1977), seja um dispositivo pelo qual se consegue tensionar questões complexas. É o que se pode observar no trecho a seguir:

Apenas imaginem que maravilha isso seria, querida Netanya. Fechem os olhos por um minuto, imaginem um mundo onde vocês podem fazer tudo, tudo o que quiserem e ninguém lhes daria um cartão amarelo por isso. Não tem cartão amarelo! Nem vermelho! Nenhuma cara azeda na TV, nenhum artigo corrosivo no jornal! Sem ter esses cinquenta anos que nos martelam na cabeça de manhã até a noite ocupação, ocupação (...). “Deu na telha de vocês impor um toque de recolher a uma pequena aldeia na palestina durante uma semana? *Bam*, temos um toque de recolher! Dia após dia, quantos vocês quiserem...” Deu na telha ver árabes dançando num posto de controle? *Bam!* Uma palavra e eles dançam, cantam, tiram a roupa. Que *joie de vivre* tem esse povo exótico! E como eles se abrem graças ao ambiente especial que há nos postos de controle! E como gostam de cantar



nosso hino em coro: '*Kohol od bale-vav, pehenihima!*' (...)” Ele começa a mover o corpo com leveza, meneando os quadris ao ritmo de sua fala e batendo palmas devagar. (...) Alguns homens se juntam a ele, que conduz a cantoria com uma pronúncia árabe carregada. Os soldados são mais ruidosos. Agora três ou quatro mulheres se unem ao coro, aos gritos (...). Mas toda essa cantoria não é o que parece, de maneira alguma! Parece que o homem está zombando do público, brincando com ele, e no instante seguinte acontece o contrário, parece que é o público que o arrasta maliciosamente para uma armadilha, e esse jogo faz com que artista e público sejam cúmplices em alguma transgressão ilusiva (...)” (GROSSMAN, 2016, p. 58-59).

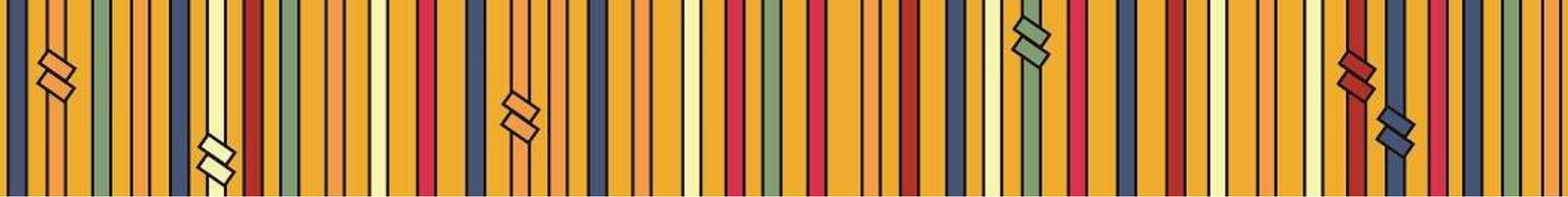
Como se pode observar, além do elo social estabelecido entre comediante e público, o fragmento anteriormente citado também exemplifica que “o humor surge como um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, colocando-se em seu lugar” (FREUD, 1977, p. 212).

É como se o humor pudesse ser considerado uma espécie de recurso de sobrevivência quando se está submerso pelo caos. No caso do texto de Grossman, toda a complexidade da questão dos territórios ocupados, por exemplo, configura-se aspecto doloroso e inevitável da dinâmica diária do país. Em entrevista concedida ao jornal brasileiro *O Globo*, publicado em 5 de novembro de 2016, por exemplo, o autor israelense chega a dizer: “Eu nunca tive um dia de paz em minha vida. Vocês sabem muito mais sobre paz do que nós”<sup>2</sup>.

É por isso que, ao abordar um tema como esse, pela via do humor, aciona-se uma espécie de estratégia para lidar com sua dureza. Na visão de Freud (1977), esse processo pode ser chamado de “deslocamento humorístico”, uma vez que se configura um mecanismo de defesa, impedindo que a sensação de desprazer ocasionada pelos afetos dolorosos seja gerada. Ele move do consciente o conteúdo ideacional portador do afeto doloroso e domina automaticamente sua defesa. Em outras palavras, o deslocamento humorístico realiza isso descobrindo como pode retirar energia da liberação de desprazer, transformando-a pela descarga de prazer conferida pelo humor.

---

2 <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/lancando-livro-david-grossman-diz-que-nao-teve-um-dia-de-paz-em-sua-vida-20413299>

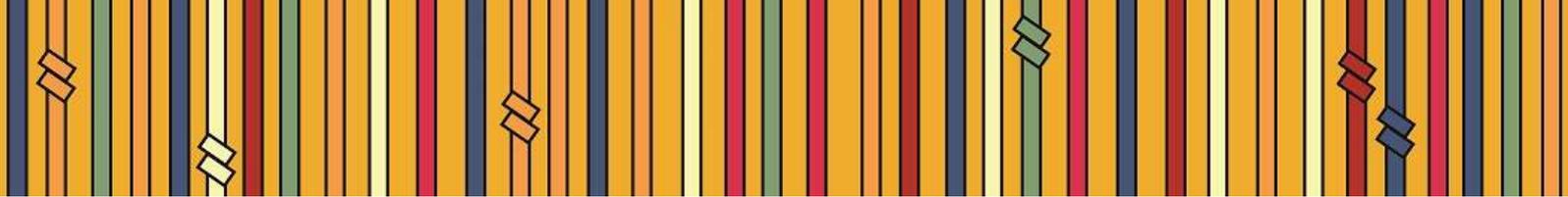


É claro que, se em uma mão é possível identificar que o autor israelense propõe refletir sobre o humor como uma possível forma de escapismo ao tratar de motes sensivelmente controversos; em outra mão ele coloca uma lente de aumento sobre a opção deliberada pela cegueira, pela falta de empatia com o outro. Nesse sentido, formula-se não só uma crítica poderosa ao sistema, suas lideranças e instituições, capazes de promover desumanidades ímpares, como também se critica os indivíduos em sua própria unicidade, já que em nome de causas políticas que julgam muito justas, perpetuam relações de intolerância e desigualdade.

É notório que David Grossman, em *O inferno dos outros*, se dedica a explorar a inescapável condição da fragilidade humana. Além do conflito israelo-palestino, temas como o Holocausto e a morte, por exemplo, são abordados como tragédias de ordens coletiva e individual. E como não é possível que esses eventos sejam evitados, seja por conta da indelével realidade histórica do povo judeu como pela dinâmica natural da vida que segue seu fluxo, o meio pelo qual está proposto pensar sobre eles é a piada.

Nesse sentido, vale a pena sublinhar então, que o escritor israelense não só desenvolve uma reflexão sobre a morte como consequência última dos campos de concentração e como frequente resultado dos confrontos geopolíticos da região, como também a problematiza como uma experiência de dor muito pessoal. A narrativa de Dovale sobre o período de sua juventude em que integrou um acampamento militar e recebeu a notícia de que havia falecido uma pessoa de sua família é bastante sensível. O fato inclusive de não saber se quem havia morrido seria seu pai ou sua mãe torna sua angústia ainda mais acentuada. Entretanto, o que salta aos olhos é que, a maior dificuldade da sua vida, que *a priori* deveria ser muito íntima, é exposta por ele próprio a uma plateia de *stand up comedy* e tratada com leveza e humor: “Meus irmãos e minhas irmãs, escutem essa história, louca e engraçada, do meu primeiro enterro! (...) 'O meu primeiro enteeerro'. (...) Estamos falando de morte, minha senhora! Uma salva de palmas para a morte!” (GROSSMAN, 2016, p. 71-72).

Para a psicanálise, o humor seria uma das “operações psíquicas mais elevadas”, se mostrando um “recurso para auferir prazer” diante dos embates da vida e da trágica inevitabilidade da morte (FREUD, 1977, p. 212).

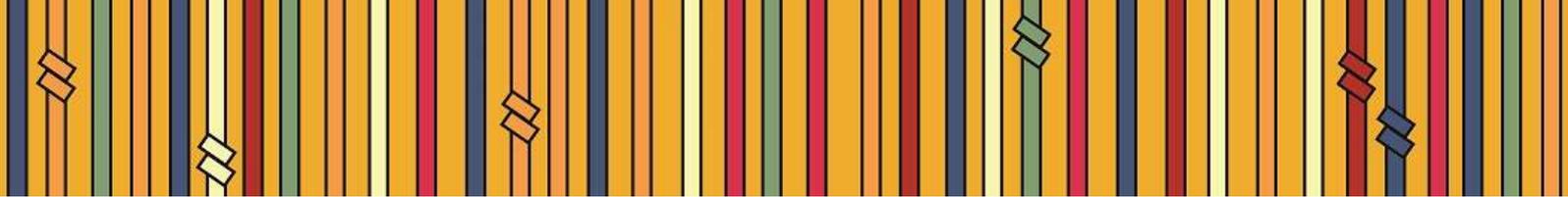


O protagonista de *O inferno dos outros*, cujo principal ofício é fazer seus expectadores rirem, parece querer ser visto em toda a sua miséria. É o que constata o juiz Avishai Lazar, a partir dos primeiros momentos de todo esse bizarro espetáculo apresentado por seu amigo de adolescência:

Eu me pergunto como ele conseguiu alcançar isso. Como, em tão pouco tempo, ele conseguiu transformar o público, e de certa forma até mesmo a mim, em habitantes da sua alma? Em reféns dela. Ele não tem pressa para sair daquela posição estranha, ao contrário, afunda-se cada vez mais”. (GROSSMAN, 2016, p. 63).

O fragmento evidencia que a obra de David Grossman tem a ver, sobretudo, com essa tentação de espiar o inferno de outro ser humano e ser, ainda que momentaneamente, capturado por ele. Mas para além do palco, diz o escritor israelense: “somos ensinados a não olhar, pois se olhamos, nos comprometemos – e temos medo desse compromisso, da dor que isso envolve”. Entretanto, se nos deixamos ser atraídos pelo inferno pessoal desse estranho comunicador, talvez nos demos conta de que sua rudeza e falta de tato sejam apenas uma camuflagem para algo mais sensível e frágil que ele esconde 'em' e 'de' si próprio.

O humor, na visão psicanalítica, pode ser compreendido como uma experiência emocional de grande relevância, capaz de exercer funções específicas sobre a mente humana. Mas que funções específicas seriam essas? Rir das mazelas da vida e, conseqüentemente, do fracasso do eu, não seria uma forma de lidar com o binômio fragilidade humana-transitoriedade da vida? Não seria congrega o humor e o horror, ambos em suas essências? Nesse sentido e diante de angústias humanas das mais hodiernas como desesperança, falta de empatia e inexorabilidade da morte, o humor parece então se revelar como uma saída possível, uma espécie de disposição diante da precariedade da nossa existência.



### **Referências bibliográficas**

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. (1905). In: Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 8. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GROSSMAN, David. *O inferno dos outros*. Trad.: Paulo Geiger. São Paulo: Cia das Letras, 2016.